



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

Caso de Ensino em Finanças Comportamentais: o uso do Filme ‘Mauá - O Imperador e o Rei’ como Recurso Didático

Maria do Socorro Coelho Bezerra
Francivaldo dos Santos Albuquerque
Alexandre Cesar Batista da Silva
Umbelina Cravo Teixeira Lagioia

RESUMO

O sistema educacional atual tem, entre suas principais preocupações, o desafio de fazer o ensino atraente e motivador para um grupo cada vez mais diversificado de estudantes além de, concomitantemente, desenvolver suas habilidades de pensamento crítico. Os filmes têm sido apontados como um recurso pedagógico viável, cuja utilização possibilita a criação de um ambiente de aprendizagem mais ativo, por meio do qual o estudante pode ter maior consciência para a descoberta e resolução de problemas e, ainda, para a significação e ressignificação de elementos pessoais. Nesse contexto, este estudo teve por objetivo demonstrar de que forma a utilização de filmes na prática pedagógica é útil no ensino, visto que a utilização de filmes no ensino possibilita que a aprendizagem ocorra de forma diferente da que é obtida tradicionalmente, já que acontece de forma mais atraente e com maior propensão a influenciar o comportamento do que o conhecimento abstrato adquirido com a utilização de livros didáticos e palestras, por exemplo. Para desenvolvimento do objetivo proposto, utilizou-se o filme Mauá – o Imperador e o Rei como forma de evidenciar vieses retratados na literatura de Finanças Comportamentais. Apropriando-se de teorias que discutem a utilização de filmes como recurso didático, construiu-se uma proposta de seleção e uso do filme. Concluiu-se que o filme escolhido pode ser utilizado com diferentes públicos, pois sua temática transpõe-se ao período retratado no roteiro, devendo, entretanto, adequar a discussão ao perfil do público com o qual se trabalha. Evidenciou-se, ainda, sua viabilidade como ferramenta didática para a apresentação de conceitos relacionados às Finanças Comportamentais.

Palavras-chaves: Aprendizagem, Recurso Didático, Filme, Finanças Comportamentais.



1 INTRODUÇÃO

A complexidade da sociedade atual, com acesso quase ilimitado a informações e tecnologias, demanda cidadãos preparados para fazer frente à profusão de mudanças que ocorrem de forma contínua. Suprir as necessidades dessa sociedade tem relação direta com o processo de educação e as metodologias de ensino tradicionais não são mais suficientes para atender essas demandas, exigindo métodos inovadores nos quais os estudantes participem ativamente. Para tanto, são necessárias mudanças e aprimoramento das práticas educacionais, apesar de não haver consenso sobre “o que” mudar, “como” mudar nem “por que” mudar.

Nesse contexto, há uma corrente crescente de pensadores que admite que a ausência da criatividade, necessária aos alunos nos processos de desenvolvimento de habilidades, impede, deliberadamente, a reconstrução de significados e o confronto entre uma informação significativa recebida e o estabelecimento de uma relação com a realidade.

No Brasil, conforme relatório divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015), mesmo com o aumento de 2% na parcela da população brasileira que possui um diploma de ensino superior (14% em 2013 para 16% em 2014), o percentual ainda é bem abaixo da média da OCDE (34%). Entretanto, nem esse fato, nem o aumento de 49% do gasto público entre 2005 e 2012 em instituições de educação superior brasileira (bem acima do aumento médio da OCDE que é de 33%), conseguiu evitar o crescimento da taxa de evasão anual total no Brasil (relação entre o número de alunos desistentes em relação ao total de alunos matriculados) nesse nível de ensino, passando de 24,9% nos cursos presenciais e de 28,8% nos cursos à distância, em 2013, para 25,4% e 32% respectivamente no ano de 2014.

Entre as principais razões apontadas para o abandono dos cursos de graduação no Brasil, encontra-se o despreparo docente para lidar com o ensino e com o discente, decorrente da não exigência de formação específica para a docência nas diretrizes da Educação Superior, que é preterida pela valorização quase que exclusiva da produção científica na formação em nível de pós-graduação.

No ensino superior, onde se busca estimular o desenvolvimento do pensamento reflexivo para a formação de graduados com postura crítica frente aos problemas do mundo presente, se faz necessário estabelecer métodos de ensino que promovam o uso de informações como ferramenta para pensar, refletir e atribuir um significado consciente a essa realidade.

Ante este cenário, entende-se que esse aperfeiçoamento requer a constante pesquisa e aplicação de metodologias diversificadas com vistas a priorizar o aprendizado discente. Assim, este estudo tem como objetivo demonstrar de que forma a utilização de filmes na práxis pedagógica é útil no ensino. Para desenvolvimento do objetivo proposto, utilizou-se o filme *Mauá – o Imperador e o Rei* como forma de evidenciar vieses retratados na literatura de finanças comportamentais.

Defende-se aqui que o uso de filmes para o ensino proporciona uma aprendizagem de qualidade diferente da informação obtida de livros didáticos e palestras, por exemplo, pois é mais atraente e mais propenso a influenciar o comportamento do que o conhecimento abstrato, constituindo um recurso pedagógico viável que cria um ambiente de aprendizagem mais ativo e onde o aluno pode ser mais consciente para a descoberta e resolução de problemas, na construção e desconstrução de significados pessoais.

Apesar da quantidade de trabalhos existentes que apontam os recursos fílmicos como um instrumento que pode ensinar de forma mais eficaz e inovadora, as discussões estão centradas, na maioria das vezes, em discutir as vantagens e desvantagens gerais de seu uso e apontar um exemplo de filme para ilustrar determinada teoria. Em que pese a relevância de pesquisas dessa natureza, este



artigo inova ao debater o processo de escolha do filme a partir dos objetivos de ensino delimitados pelo professor.

Na exposição deste caso de ensino, segue-se o referencial teórico com a apresentação de i) diferentes pressupostos sobre aprendizagem e práticas pedagógicas, ii) teorias que discutem a utilização de filmes como recurso didático, e iii) teorias de finanças comportamentais; na terceira seção expõe-se a aplicação das teorias na seleção e no uso de um filme, na quarta seção são evidenciados os conceitos de Finanças Comportamentais nas cenas do filme escolhido e, por fim, apresenta-se a conclusão desse estudo com suas limitações e contribuições para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Aprendizagem e Práticas Pedagógicas, de Hoje e de Outros Tempos

Na sociedade contemporânea o conhecimento é fundamental para entender as estruturas sociais, políticas e econômicas. Cabe à educação prover os meios necessários para a compreensão do conhecimento existente, a reconstrução daquilo que já se conhece e desenvolvimento de novos conhecimentos. Esses são desafios para o ensino no contexto brasileiro atual, que perpassa pela necessidade de romper com a tradição, cujo cerne é o ato de ensinar, e avançar numa direção cujo centro seja o ato de aprender e onde o estudante é o protagonista da própria aprendizagem.

Em suas reflexões sobre a aula e as diversas práticas pedagógicas utilizadas, Antunes (2012) apresenta um comparativo entre os significados e métodos escolares do que ele denomina de escola convencional e da Escola Nova. Neste confronto de ideias e procedimentos, termos como “aula”, “conhecimento”, “ensinar” e “aprender” são reconstruídos a partir da relação que estabelecem com a realidade.

A escola convencional se fundamenta na instituição cujo professor é o centro do processo de aprendizagem e o discente apenas um receptor. Nesse sistema de ensino, o conceito de aula, e, portanto de aprendizagem, está limitado ao espaço físico (sala). Outro conceito deformado na escola tradicional é o de “lição escolar”, que ao se voltar para a ideia de “trabalho (escolar)”, remonta à sua origem latina, cujo significado remete à tortura, “pois deriva de *tripallium*, instrumento usado para ocasionar sofrimento em escravos” (Antunes, 2012, p. 22). No contexto da escola convencional o “conhecimento”, que é resultante da interação entre o indivíduo, a informação que lhe é exterior e o significado que este lhe atribui, é confundido e substituído pela “informação”, que se constitui de fatos conhecidos ou dados comunicados acerca de alguém ou de algo e é propriedade específica do professor, a quem cabe discernir sobre sua utilidade ou não para o estudante.

Em oposição à escola de “outros tempos”, a escola moderna pressupõe i) a consideração da realidade objetiva e as circunstâncias que envolvem seu educando, ii) o confronto entre essa realidade com os saberes da disciplina, e iii) a observação da associação que o educando pode fazer entre a sua realidade e os saberes escolares. Esse direcionamento se coaduna com o movimento da Escola Nova, iniciado no século XIX “como reflexo da popularização de pensamentos novos que questionavam a escola convencional” (Antunes, 2012), cujo foco é na aprendizagem, onde o educador contribui para que o educando aprenda, ou seja, sua competência é mensurada a partir da capacidade de liderança, da atuação comunitária, do relacionamento com seus alunos e pares, em detrimento da capacidade de “passar conteúdos” (Gadotti, 2011). Na concepção da Escola Nova a exigência que recai sobre o educador é que ele exerça o papel de mediador de situações que aliem autopercepção e conhecimento, incitando o aluno a assumir o protagonismo de sua formação (Pimentel, 2011).



Nesse cenário em que o conhecimento é o resultado de um processo de construção que implica o sujeito que o constrói como o principal protagonista, buscar entender o significado de ensinar e de que forma o aluno pode aprender se tornam essenciais. Para Freire (1996, p. 22) os saberes fundamentais à prática educativo-crítica devem considerar que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”. Ou seja, a capacidade do professor de criar espaços de aprendizagem, no qual o aluno consiga estabelecer relação entre o que está aprendendo e o contexto que o cerca, é que proporciona o êxito do processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno “só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na sua aprendizagem algum sentido” (Gadotti, 2011, p. 59).

Em consonância com a ressignificação preconizada pela Escola Nova, a utilização de filmes como recurso didático exemplifica uma oportunidade de aprendizagem onde o eixo da aula é o aluno e onde este aprende independente da presença do professor. Admite-se, portanto, que os recursos fílmicos constituem ferramentas de aprendizagem capazes de estimular o encantamento pela beleza, tornando desejável o conhecimento que se busca construir.

Longe de encerrar a discussão acerca desses temas, mas concluindo a visão adotada neste estudo acerca da utilização de recursos fílmicos como ferramenta didática, concorda-se com Gadotti (2011, p. 22), que afirma que se de um lado a transformação nas condições objetivas do processo ensino-aprendizagem não depende apenas da atuação dos profissionais da educação, de outro lado, crê-se que sem uma mudança na própria concepção deste ofício, essa transformação não ocorrerá tão cedo.

2.2 Filmes como Recurso Didático

O enfoque sobre as perspectivas de ensino-aprendizagem dos dias atuais requer alterações profundas no desenvolvimento e mobilização para o ensino por meio, dentre outras coisas, do pluralismo metodológico. Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas têm demonstrado que filmes dos mais variados estilos têm sido utilizados como ferramentas educacionais para ensinar e ilustrar uma variedade de conceitos como comportamento organizacional (Mendonça e Guimarães, 2008), empreendedorismo (Matos, Queiroz, Lopes, Frota e Saraiva, 2012), controle interno, governança corporativa e ética empresarial (Bay e Felton, 2012), tomada de decisão (Amaral e Leite, 2013) e questões socioambientais e políticas públicas (Angotti, Lourenço, Sá e Ferreira, 2016).

Vários autores explicam como os filmes tornam o ensino mais relevante para um grupo cada vez mais diversificado de estudantes e, ao mesmo tempo, desenvolvem suas habilidades de pensamento crítico. Para Roden (2007) o uso do filme gera experiências enriquecidas e diversas, cria uma atmosfera favorável ao envolvimento dos alunos e aprimora sua vivência na sala de aula. Mendonça e Guimarães (2008) defendem que os filmes são uma poderosa ferramenta para ilustrar tópicos e demonstrar aplicações de teorias, constituindo, dessa forma, uma fonte de material pedagógico mais estimulante e motivadora que métodos convencionais de ensino. Mathews, Fornaciari e Rubens (2012), por sua vez, asseguram que filmes são capazes de afetar não só as respostas emocionais e percepções de eventos, bem como podem ter um impacto sobre a vida pessoal durante longos períodos de tempo.

Apesar da maior parte dos trabalhos sobre o uso de filmes em sala de aula se concentrar mais na descrição de filmes usados e em evidências de sua eficácia, diversos autores têm buscado oferecer fundamentos teóricos que indiquem como e porque o uso desse recurso pode melhorar a aprendizagem e procuram apresentar teorias que orientem a seleção e o uso de filmes específicos (Mathews, Fornaciari e Rubens, 2012; Lee e Lo, 2014).



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

Lee e Lo (2014) indicam que tanto o processo dedutivo quanto o processo indutivo no uso de filmes pode facilitar a aprendizagem. No processo dedutivo, inicialmente, a teoria é apresentada e perguntas dirigidas são distribuídas aos estudantes, depois os filmes são exibidos, já no processo indutivo, nenhuma teoria é apresentada, entretanto, os educandos devem ser orientados para o que devem procurar antes de assistir o vídeo. Enquanto a adoção do processo dedutivo prepara os espectadores sobre o que esperar do filme, incentivando-os a selecionar cenários e imagens para demonstrar compreensão e aplicação da teoria na prática, a opção pelo processo indutivo estimula a visualização reflexiva e incentiva a descoberta, uma vez que os espectadores buscam padrões e generalizações de episódios para a construção de teoria e exemplos.

Acerca desses processos Bluestone (2000) afirma que se os filmes estiverem vinculados conceitualmente ao conteúdo de um currículo, tanto o método dedutivo quanto o método indutivo podem ser efetivos para aumentar o envolvimento dos estudantes.

Complementarmente, Mathews, Fornaciari e Rubens (2012) destacam a necessidade de uma elaboração teórica de aprendizagem na escolha de filmes e em sua utilização no ensino, sob pena de tornar a seleção arbitrária e subótima do ponto de vista dos resultados educacionais. Nesse contexto, os autores fornecem dois pressupostos como suporte para orientar o uso e a seleção específica de longas metragens: a abordagem contextual e a abordagem universalista.

A abordagem contextual pressupõe que para entender aspectos do “eu” é preciso supor que o autocomportamento só pode ser entendido com precisão a partir da perspectiva de seu contexto local. Na conjuntura educacional atual, onde a diversidade de idade e grupos culturais é característica marcante dos cursos de graduação, a abordagem contextual reveste-se de importância e impõe que o uso pedagógico de filmes considere os diferentes estágios de desenvolvimento do “eu” do público.

Já a abordagem universalista repousa sobre a noção objetivista de que certas observações generalistas podem ser deduzidas do “eu”, onde existem dois modos distintos de processamento da informação: o sistema experiencial e o sistema racional. Enquanto a maioria dos estímulos do ambiente é processada sem esforço e inconscientemente pelo componente cognitivo inconsciente ou experiencial, pois este é o modo natural de operação da mente humana, as informações que são apresentadas de uma forma lógica, estruturada e racional, não apelam para o inconsciente cognitivo, mas apelam para o sistema racional, logo, não podem exercer a mesma influência sobre as respostas e o comportamento do indivíduo como a informação processada por intermédio do sistema primário ou experiencial. Feitas essas considerações, entende-se que no processo de escolha do material a ser utilizado, inicialmente, deve ser definido se o objetivo principal é apelar para os sistemas de aprendizagem experiencial ou racional dos alunos (Mathews, Fornaciari e Rubens, 2012).

Se o objetivo estabelecido pretender que os alunos possam relacionar a própria história com a do(s) personagem(ns), tem-se o apelo universalista experiencial, logo, deve-se ter o cuidado de conhecê-los: idade, anseios, as experiências que viveu. Antunes (2012) alerta que apesar da aparente dificuldade, trata-se de uma tarefa simples, visto que “ainda que se reconheçam diferenças individuais significativas, o 'mundo cultural' a que os alunos estão imersos não os diferencia tanto assim”.

Por outro lado, se o objetivo for identificar ou descrever situações específicas retratadas num filme, apela-se para a abordagem universalista racional. Nesse caso, as questões a serem debatidas precisam ser claramente apresentadas antes da exibição do vídeo para que os alunos possam fazer as anotações apropriadas. Bluestone (2000) adverte que um único longa-metragem pode conter uma série de problemas férteis e que quanto mais realista for o filme melhor a capacidade dos alunos para entender e aplicar os conceitos.



2.3 O Estudo das Finanças Comportamentais

As Finanças Comportamentais constituem o campo da teoria de finanças que se dedica a estudar as tendências comportamentais que influenciam o processo decisório quando o assunto é investimentos. Ao contrário das teorias sob as quais se assentam as Finanças Tradicionais que preconizam a eficiência dos mercados e a racionalidade humana para a tomada de decisão com vistas à maximização do resultado, os pressupostos das Finanças Comportamentais admitem que os indivíduos sejam influenciados por aspectos psicológicos que os impedem de escolher alternativas para maximizar sua utilidade.

Esses aspectos psicológicos que restringem a capacidade das pessoas em lidar com as informações necessárias à tomada de decisão foram apontados por Simon (1978) quando de sua pesquisa sobre a racionalidade limitada dos indivíduos. Tversky e Kahneman (1974) foram os primeiros a empreender estudos experimentais para entender como as predisposições psicológicas de cada indivíduo afetam a forma como estes analisam as informações recebidas e tomam suas decisões. Em seus experimentos levantaram a hipótese de que as pessoas se utilizam de atalhos mentais, também conhecidos como heurísticas, para tornar mais fáceis as tarefas de avaliar probabilidades e prever valores, contudo, ao se utilizar destes artifícios, ficam mais sujeitos a incorrer em erros (vieses cognitivos).

As heurísticas reveladas por esses experimentos tornaram possível a identificação de diversas tendências comportamentais. A primeira delas, conhecida como **representatividade** admite a propensão de usar uma informação recebida recentemente para julgar, prever e decidir situações futuras. A segunda heurística conhecida como **disponibilidade** remete à facilidade com que determinadas lembranças atuam como determinantes de uma situação a ser analisada. A última das três, nomeada como **ancoragem**, indica o uso de um valor inicial como ponto de partida para elaborar estimativas ajustadas a esse referencial inicial (Tversky e Kahneman, 1974).

Como decorrência, tem-se a adoção de comportamentos enviesados conhecidos como **efeito ad hoc**, **efeito certeza**, **viés da valorização**, **viés da autoatribuição**, **a falácia do apostador**, **efeito contágio**, **efeito manada** entre outros (Barbedo e Camilo-da-Silva, 2008; Ferreira, 2008; Mosca, 2009).

Para Ferreira (2008) “não surpreende que algumas heurísticas úteis sejam mantidas já que são ‘econômicas’, em termos de esforço e tempo e, em geral, eficientes, apesar de seu potencial de indução a erros de previsão e estimativa”. Tais desvios de comportamento baseados em premissas que não são absolutamente corretas podem acontecer com qualquer indivíduo devido às limitações cognitivas inerentes à condição humana (Barbedo e Camilo-da-Silva, 2008) e lutar contra qualquer dessas tendências é motivo de grande desconforto para o investidor (Mosca, 2009).

3 O PROCESSO DE ESCOLHA E USO DO FILME

Pesquisas sobre o uso de filmes como recurso didático demonstram que uma imensa variedade de assuntos pode ser abordada com essa ferramenta. A definição do conteúdo a ser trabalhado pode ser o ponto de partida para sua seleção, mas não deve constituir-se como único critério ou mesmo como o critério mais importante para a escolha. Nesse caso de ensino a escolha pelo assunto de Finanças Comportamentais deu-se em função da diversidade de áreas que podem se beneficiar da proposta, entre as quais se destacam os cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis, Direito e Economia.

Definido o tema da proposta, passa-se à identificação da forma como os alunos dessas áreas podem tirar o melhor proveito do filme. A busca de informações sobre o perfil desse estudante



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

aponta que no Brasil os cursos de graduação em Direito, Administração e Ciências Contábeis estão, historicamente, desde 2009, entre os quatro cursos com o maior número de estudantes no país e que 62% destes estão matriculados no turno noturno (INEP, 2017).

Ante essa realidade e partindo-se do entendimento que a construção do saber não está restrita ao espaço físico de uma sala de aula e que, tampouco, estará limitado pela ausência de um professor, é possível solicitar que o filme seja assistido em pequenos grupos ou mesmo com a família em outro horário, como uma atividade a ser realizada em casa.

Bluestone (2000) aponta que um filme mostrado na sua totalidade durante o horário da aula demandará, provavelmente, o horário da disciplina em uma semana inteira, mas ao atribuir a visualização do filme como um projeto extraclasse, possibilitará que o tempo de aula seja aproveitado para analisar e discutir os conceitos presentes no filme. Outra vantagem dessa opção é que ao encorajar os alunos a assistir o filme com colegas, os resultados de aprendizagem podem ser mais positivos uma vez que eles têm a opção de pausar o filme para fazer esclarecimentos e repetir cenas, estabelecendo dessa forma o próprio ritmo de aprendizado (Lee e Lo, 2014).

O próximo passo para a seleção de um filme deve ser norteado pelo conhecimento de qual geração forma a audiência, visto que diferentes públicos demandam diferentes abordagens para um mesmo filme ou filmes distintos para tratar de um mesmo assunto. Mathews, Fornaciari e Rubens (2012) exemplificam essa etapa afirmando que há grandes diferenças entre as Gerações conhecidas como Baby Boomers (nascidos da década de 1940 até 1960), a Geração X (nascidos da década de 1960 até 1980) e a Geração Millennial ou Geração Y (nascidos a partir da década de 1980). Os autores explicam que filmes mais antigos, que enfatizam o respeito pelas convenções sociais e instituições estabelecidas podem ser muito eficazes com alunos da Geração Baby Boomer e da Geração X, ao passo que a Geração Y teria suas expectativas atendidas com filmes como os da saga Harry Potter por conta de seus efeitos visuais, trama frenética e personagens que lidam com problemas mais semelhantes aos seus.

Por fim, busca-se identificar os filmes relacionados ao tema a ser discutido. Nessa fase, faz-se necessário definir se os objetivos de aprendizagem serão melhor alcançados por meio de processos dedutivos ou de processos indutivos. A opção por um método ou por outro deve partir da consideração de elementos importantes como o tempo disponível para abordar o assunto, o interesse específico do público e a experiência anterior sobre a temática.

A escolha do filme **Mauá – o Imperador e o Rei** encontra respaldo, inicialmente, na abordagem contextual, pois apesar de conter uma narrativa relativa à época do Brasil Imperial proporciona uma conexão com todas as gerações por meio do comportamento empreendedor de seu personagem principal. Em que pese o fato da abordagem contextual exigir um contexto local próximo à realidade de seus espectadores, os *insights* da temática de Finanças Comportamentais revelados pelo filme transpõem-se ao período retratado no roteiro.

Posteriormente, a escolha entre os processos indutivo ou dedutivo guiará a forma como o filme será utilizado. Uma vez definido o processo dedutivo como fio condutor das atividades a serem executadas, a exposição das teorias que sustentam as Finanças Comportamentais deve preceder a exibição do filme. Depois de apresentadas, os alunos devem assistir o filme e procurar cenas específicas que ilustrem os conceitos ensinados. Por fim, encerra-se o ciclo com o momento de *feedback* onde o professor discutirá com os alunos os princípios apresentados com as cenas apontadas para ilustrá-los.

Entretanto, se o processo indutivo for adotado, os espectadores devem ser orientados a buscar padrões entre as tendências de comportamento que possam levar a erros de decisão, entretanto, nenhuma teoria deve ser apresentada. Na sequência, os alunos devem assistir o filme. O processo pós-filme nesse método demanda mais tempo para sua execução. A princípio, deve-se



fazer suposições e contextualização, estabelecer limites e parâmetros de eventos que demonstrem uma relação de causalidade com base nas cenas do filme. Em seguida constrói-se um mapa conceitual geral para relacionar as variáveis estabelecidas com as cenas encontradas no filme. Na etapa de debate que encerra o processo o professor deve discutir sobre a validade e completude do mapa conceitual construído.

Observa-se que o processo dedutivo apela para o sistema de aprendizagem racional, onde a ideia é fazer com que os alunos identifiquem e/ou descrevam situações específicas que o filme retrata. Por outro lado, o processo indutivo recorre para o sistema de aprendizagem experiencial, pois requer que com base na experiência vivida uma característica encontrada no filme possa ser ampliada.

Lee e Lo (2014), ao comparar os resultados de aprendizagem auferidos pelo uso dos processos dedutivo e indutivo no ensino de comportamento organizacional, constataram que o uso do processo dedutivo revelou maior satisfação de aprendizagem pelos alunos, mas que no processo indutivo os estudantes demonstraram maior retenção de conhecimento. A despeito da defesa de qualquer dos métodos, advoga-se que ambos podem ser úteis para o processo de ensino-aprendizagem, desde que sejam adotados em observância às características do público com o qual se lida.

4 ‘MAUÁ – O IMPERADOR E O REI’ NO ENSINO DE FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

O filme **Mauá – o Imperador e o Rei** traz em sua narrativa a história do brasileiro Irineu Evangelista de Souza, conhecido também como Barão de Mauá. O roteiro retrata a saída do personagem do Rio Grande do Sul, ainda criança, sua adolescência vivida no Rio de Janeiro como funcionário na Casa Comercial Pereira de Almeida e a sua jornada como empreendedor inovador e destemido até a decretação de sua falência e a cassação de seu registro como comerciante.

Foi o tino para os negócios que levou o protagonista a deixar a atividade no comércio e investir na atividade industrial. Entre as suas principais realizações citam-se o estabelecimento da Fundação e Estaleiro de Ponta de Areia, a canalização do Rio Maracanã, a criação da Companhia de Navegação do Amazonas, a construção da primeira Ferrovia do Brasil, a iluminação da cidade do Rio de Janeiro e a fundação de vários bancos e pequenas fábricas.

O perfil arrojado de Irineu, embora não seja o foco dessa pesquisa, em muito se aproxima à realidade encontrada nos dias atuais. Pesquisa recente, realizada pela *startup* Expert Market baseada no Texas-EUA, aponta que o Brasil ocupa o 5º lugar entre os países com os empreendedores mais determinados do mundo, ou seja, um país que a despeito de todas as dificuldades enfrentadas para empreender, apresentou um alto número de negócios criados em 2016 (Dishman, 2017).

Ao longo do filme observa-se que o comportamento do personagem a cada decisão pode ser utilizado para exemplificar as heurísticas e os vieses, cerne dos estudos sobre Finanças Comportamentais. Os excertos apresentados nesta seção foram selecionados de forma a evidenciar um número diversificado de conceitos e dispostos na sequência em que aparecem durante o filme.

Desde que chegou ao Rio de Janeiro, Irineu trabalhou em casas comerciais em troca de moradia e alimentação. Quando adolescente, foi caixeiro na casa comercial Pereira de Almeida, onde teve “acesso a todo o mecanismo que regia o comércio no Brasil, uma vez que, diferentemente dos demais comerciantes portugueses da época, este, além de atuar no comércio, era banqueiro, armador, industrial e tinha no tráfico de escravos a sua maior fonte de lucro” (Quintanilha e Murasse, 2003). Foi também do Sr. Pereira de quem Irineu adquiriu as ações do Banco do Brasil, as quais aquele considerava sem valor, conforme ilustrado no Quadro 1.



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

Quadro 1 - Diálogo entre Sr. Pereira e Irineu

18:03 – O Sr. Pereira (SP) negocia com Irineu (IE) as ações do Banco do Brasil.	SP – <i>Eu tenho aqui essas ações... mas não me servem nem para limpar o traseiro, Irineu. O Banco do Brasil está falindo. De que me adianta ações de um banco falido?</i> IE – <i>O banco é do governo, ele terá que pagar cedo ou tarde.</i> SP – <i>Este país está arruinado, Irineu. Estes papéis não valem nada.</i> IE – <i>Quanto o senhor quer por eles?</i> SP – <i>O que?</i> IE – <i>Eu tenho as minhas economias. Compro suas ações. Todas elas.</i> SP – <i>Isso é burrice, garoto.</i> IE – <i>Eu pago 30% do valor. Eu tenho certeza que um dia subirão de preço.</i> SP – <i>Não sou explorador. Te passo por 20% do valor.</i>
---	---

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

Mesmo diante do aviso de que estava fazendo um mau negócio, Irineu fez uma proposta de compra dos papéis ao Sr. Pereira. Do ponto de vista do Sr. Pereira observa-se o **viés do efeito certeza**. Conforme Barbedo e Camilo-da-Silva (2008) esse efeito decorre do "fato de as pessoas terem preferência pela certeza absoluta devido à inabilidade de entender o significado de resultados prováveis e a noção de valor esperado".

Ou seja, em contextos de ganho, o efeito certeza indica uma preferência com aversão ao risco em relação a um prêmio certo quando comparado a um resultado maior que seja meramente provável, o que é observado na postura do Sr. Pereira que ante a possibilidade de um recebimento certo de 20% do valor de face das ações e a incerteza quanto ao ganho do valor total, optou por vender as ações a Irineu e receber o valor acordado, ainda que este seja inferior ao que ganharia se as ações fossem resgatadas pelo banco.

Ante a agitação provocada pelo retorno da corte portuguesa para Portugal, várias casas comerciais foram atingidas por uma crise econômica que as levou à falência, inclusive a casa comercial do Sr. Pereira onde Irineu trabalhava. Dessa forma, ainda adolescente, Irineu passou a trabalhar para o comerciante escocês Richard Carruthers onde alcançou o cargo de gerente devido à sua capacidade de trabalho e iniciativa de ideias. Mais tarde, devido sua dedicação e diligência tornou-se sócio da Carruthers & Cia. Mesmo estando numa praça comercial em que a circulação monetária era reduzida, Irineu conseguiu ótimos resultados com suas análises do mercado. O Quadro 2 demonstra um desses momentos.

Quadro 2 - Diálogo entre Sr. Ricardo e Irineu

41:37 – O Sr. Ricardo (RI) informa a Irineu (IE) sobre um bom resultado alcançado no negócio.	RI – <i>Sr. Irineu, o preço da carne disparou!</i> IE – <i>Ótimo!</i> RI – <i>Nós vamos ter um lucro fabuloso naquele negócio maluco que o senhor fez!</i> IE – <i>Eu não disse?</i> RI – <i>Mas que sorte!</i> IE – <i>Sorte não, meu caro, sorte não! Eu estudei! Eu sabia que ia faltar carne no mercado europeu.[...]</i> RI – <i>Bom, mas qual é o próximo negócio?</i> IE – <i>Sabia que o governo brasileiro não vai renovar o acordo comercial coma Inglaterra? E que há uma nova lei que isenta de impostos as indústrias que se instalarem no Brasil?</i> RI – <i>As indústrias? Mas o que nós temos a ver com isso?</i> IE – <i>Nada, sr. Ricardo. Nada. Afinal, somos apenas comerciantes, não é isso? Hein?</i>
---	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

Irineu e seu funcionário, o Sr. Ricardo, conversavam entusiasmados sobre o bom resultado alcançado na negociação de carne brasileira no mercado europeu. Ao afirmar que os lucros alcançados se deviam à sorte, o Sr. Ricardo é prontamente corrigido por Irineu que afirmou que o



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

feito foi possível graças aos seus estudos. Em seguida Irineu comentou com o Sr. Ricardo que o governo brasileiro não iria renovar o acordo comercial com a Inglaterra e que uma nova lei que isentava de impostos as indústrias que se instalassem no Brasil havia sido editada.

O trecho narrado exemplifica o **viés da autoatribuição** que consiste na tendência de reclamar para si o crédito por eventos passados cujos resultados foram favoráveis. Os ganhos auferidos na transação implicaram para Irineu uma prova de seu conhecimento e competência levando-o a aumentar o seu otimismo como investidor e a cogitar a entrada no ramo da indústria.

O fascínio provocado em Irineu pela atividade industrial da Inglaterra, aliada à informação de que o Brasil não renovaria o acordo comercial com os ingleses, passando a partir de então, a taxar os produtos importados, levou Irineu a propor ao seu sócio, Sr. Carruthers, a implantação de indústrias que fabricassem os produtos no Brasil, estimulando o comércio local. Ante a decisão de mudança de ramo, Irineu deu início à liquidação da Carruthers e Cia, promovendo grande especulação entre a elite brasileira, conforme demonstrado no Quadro 3.

Quadro 3 - Diálogo entre o Visconde de Uruguai, Irineu e o Sr. Paranhos.

49:30 – Irineu (IE) é questionado pelo sr. Paranhos (PA) e pelo Visconde de Uruguai (VU) acerca da liquidação da Carruthers & Cia.	VU – Irineu? É verdade, Irineu? IE – Perdão! O que? VU – Ouvimos dizer que você está liquidando a Carruthers & Cia. IE – E estou, meu caro Visconde de Uruguai. PA – Mas, por quê? A firma parecia tão sólida. IE – Estou inovando, meus caros amigos. Geralmente as firmas são liquidadas quando atravessam dificuldades. Com a Carruthers & Cia acontece exatamente o inverso. Está sendo liquidada porque vai muito bem.
--	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

A superestimação do valor da empresa por Irineu é condizente com o **viés da valorização** que consiste na tendência que as pessoas têm de valorizar os seus próprios bens em detrimento dos demais. Barbedo e Camilo-da-Silva (2008) explicam que esse comportamento “é inconsistente com a teoria econômica que diz que a propensão de pagamento de um bem deveria ser igual à disposição para aceitar uma compensação pela venda desse mesmo bem”. Irineu tinha conhecimento que as empresas de importação da época poderiam passar por dificuldades em virtude das medidas protecionistas que seriam implantadas pelo governo o que afetaria, em alguma medida, o seu valor de mercado.

Ao deixar a atividade de comerciante, Irineu fundou um Banco que ficou conhecido como o segundo Banco do Brasil visto que o Banco fundado em 1808 por D. João VI havia falido. No filme, em meio às preocupações do Império com o crescimento apresentado pelos negócios de Irineu, o senador Visconde de Feitosa proferiu um discurso na Câmara sobre a atividade bancária no Brasil, conforme se observa no Quadro 4.

Quadro 4 - Discurso do Visconde de Feitosa e Diálogo entre Sr. Ricardo e Funcionário

1:08:07 - Na câmara, o senador Visconde de Feitosa (VF) profere um discurso inflamado. No Banco de Irineu, um funcionário (F1) e o Sr. Ricardo (RI) conversam sobre os correntistas que se apressam para fazer saques em suas contas.	VF – A atividade econômica brasileira precisa ser disciplinada! Não podemos ficar à mercê de instituições bancárias inseguras como as que atualmente existem no país! [...] VF – Senhores, Sua alteza, o Imperador, nos incumbe de elaborar Projeto de Constituição de um banco efetivamente sólido, garantido pelo governo e que não ofereça riscos de danos à economia nacional! [...] F1 – Seu Ricardo! Seu Ricardo! Essa multidão... o que que está acontecendo? RI – Você não soube do discurso do Visconde de Feitosa na Câmara? Está aí o resultado. Começou a corrida! Agora é ver até onde podemos aguentar. Abasteça os caixas.
---	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

O discurso alarmista proferido pelo senador Visconde de Feitosa insinuando que os bancos que atuavam no país eram um risco à atividade econômica provocou uma corrida aos bancos para a realização de saques. A situação descrita exemplifica o comportamento proveniente do **efeito contágio** que é a “tendência natural a dar grande peso e atenção a histórias e relatos e pouca importância a números e estatísticas” (Mosca, 2009).

Observa-se que a ação do Visconde de Feitosa afetou e influenciou a capacidade de julgamento da população, levando-os a atribuir grande valor ao discurso, como consequência, a necessidade de agir em conformidade com o grupo provocou uma corrida aos bancos para realização de saques (**efeito manada**) e, por fim, o encerramento das atividades do banco de Irineu.

Conforme explicam Bertero e Iwai (2005), naquela época, a capacidade de um banco de entregar dinheiro após uma corrida de correntistas era muito limitada. E como não havia o Banco Central para socorrer, grandes corridas acabavam provocando o fechamento dos bancos, ainda que gozassem de uma situação econômica boa.

Além dos vários negócios empreendidos por Irineu, verifica-se a sua participação prestando serviços relativos aos interesses da política do governo imperial de D. Pedro II na guerra do Uruguai. O Quadro 5 retrata as intenções de Irineu depois que o Uruguai saiu vitorioso do conflito.

Quadro 5 - Carta de Richard Carruthers e Diálogo entre Irineu e May

1:11:43 - Richard Carruthers (RC) aconselha Irineu (IE) sobre a abertura de um banco no Uruguai através de carta. May (MA) presencia a decisão do marido sobre o assunto.	RC – “Não acho que abrir um banco no Uruguai seja muito sensato. Não é um país seguro. Revoluções e governos mudam da noite para o dia. Não! É arriscado demais! Respeito e admiro você, mas às vezes parece ser muito ingênuo. Governos não são confiáveis, sobretudo quando nos devem”. IE – Mas o Uruguai venceu a guerra e o governo é nosso aliado! A economia lá cresce a olhos vistos. Abrir um banco é uma forma de garantir todo o dinheiro que eu pus lá. RC – “A melhor forma de garantir que nos paguem é ficar longe deles, sem sofrer nenhum tipo de retaliação”. IE – Mas se eu tenho a garantia do governo brasileiro, se Paranhos é nosso embaixador no Uruguai, o que mais eu posso querer? RC – “Sinto muito. Eu penso assim: bancos ficam de um lado, governos de outro. Seu amigo, Richard Carruthers”. MA – Más notícias? IE – Seu Carruthers. Roeu a corda. Ele acha errado abrir um banco no Uruguai. MA – Ele é experiente, talvez tenha razão. IE – Mas eu não sou homem de me conformar. Não quando vejo um grande negócio pela frente. Se ele não quer arriscar, muito bem. Eu abro esse banco sozinho!
--	---

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

O trecho apontado no Quadro 5 apresenta o conselho enviado por carta do Sr. Carruthers para Irineu sobre a abertura de um banco no Uruguai. Nele é possível identificar, inicialmente, o **viés do excesso de confiança** na postura otimista de Irineu. Esse comportamento indica que os indivíduos imaginam possuir capacidade decisória superior às demais pessoas. O excesso de confiança demonstrado por Irineu fez com que ele subestimasse o risco associado ao país e superestimasse seu potencial. É possível também identificar o **viés de gênero**, percebido na diferença de posturas diante do risco, enquanto Irineu se sente impelido a prosseguir com o investimento, sua esposa age com mais cautela sugerindo que o conselho recebido pode ser coerente.

O Quadro 6 ilustra o encontro de Irineu com o Barão de Rothschild onde são iniciadas as conversas que levariam à sociedade para a construção da ferrovia São Paulo Railway.



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

Quadro 6 - Diálogo entre o Barão de Rothschild e Irineu

1:16:13 – Irineu (IE) busca em Londres junto ao banco Rothschild (BR) o capital necessário para iniciar a iluminação da cidade do Rio de Janeiro.	BR – Ouvi falar muito do Senhor. De acordo com nossas informações, possui uma ferrovia, um banco com sucursais em três países, um estaleiro, uma companhia fluvial na Amazônia e várias fábricas pequenas. Sem falar que é o credor de metade da dívida externa do Uruguai. Esqueci alguma coisa? [...] BR – Sua lista de propriedades é invejável, sr. de Souza. Além do raro tino para os negócios, o senhor tem algo ainda mais raro: coragem. Ousou fazer no Brasil o que ninguém jamais ousara. Indústrias, ferrovias, tudo com suas próprias forças e, até onde sabemos, sem nenhum apoio do governo. IE – Apesar do governo, às vezes. BR – Como sabe, somos o banco do seu imperador há décadas. À parte disso, sempre vimos o seu país como um mercado de risco. Nunca achamos seguro investir lá. IE – O Brasil está mudando e a mão que está guiando esta mudança é a minha.
---	---

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

A cena descreve a desconfiança dos ingleses quanto à realização de investimentos no Brasil. Verifica-se, mais uma vez, o **viés do excesso de confiança** de Irineu ilustrado pelo seu convencimento de que o país estava mudando e fazendo entender que o cenário de risco seria superado pelos investimentos que ele realizou. Além disso, incorre no **viés da autoatribuição**, ao requerer para si a responsabilidade pelas boas mudanças ocorridas no Brasil.

Diante de tantas realizações e conquistas, Irineu celebra o título nobiliárquico de Barão que lhe foi concedido por D. Pedro II em razão da construção da primeira ferrovia do país, que ligava o Porto de Estrela à localidade de Raiz da Serra na região serrana do Rio de Janeiro.

Quadro 7 - Diálogo entre Irineu e May

1:22:54 – Irineu (IE) celebra o título de Barão recebido do Imperador junto com sua esposa May (MA) e afirma que ainda tem muitos sonhos.	IE – Eu sou o homem mais rico do país. Eu tenho 12 milhões de libras, mais do que o orçamento do Império. Eu tenho 400 mil hectares de terra na Amazônia, 160 mil no Uruguai. Eu tenho 130 mil cabeças de gado. Eu construí a primeira estrada de ferro do Brasil. Eu sou o Barão de Mauá! E tenho apenas 40 anos. [...] IE – Que mais ainda tenho pela frente? Eu consegui transformar projetos em realidade, mas ainda tenho sonhos, muitos sonhos. MA – Não seria a hora de parar? Por que não vivemos agora a nossa vida usufruindo de tudo o que já temos? IE – Eu não posso parar, May. Eu preciso construir um império. Um império que dure séculos.
---	---

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

No fragmento exibido no Quadro 7 identifica-se novamente o **viés de gêneros** diante de decisões de investimento. A postura do casal Irineu e May frente ao risco é condizente com a indicada pela literatura que atesta que quando um dos cônjuges adota uma atitude mais arriscada frente ao risco, como é o caso de Irineu, o parceiro, nesse caso, May, tende a demonstrar um estilo mais prudente quanto aos recursos que o casal possui.

Além disso, Barbedo e Camilo-da-Silva (2008) atestam que a maior propensão ao risco é explicada como uma característica de pessoas que fizeram suas próprias conquistas durante a vida, como é o caso de Irineu, ao passo que a menor propensão ao risco é encontrada em indivíduos que obtiveram seu patrimônio de forma passiva, como é o caso de May, cuja fortuna foi adquirida por meio do casamento.

Nos negócios de Irineu, os bancos ocupavam papel central, pois como afirma Bertero e Iwai (2005) “era através deles que esse empreendedor buscava alimentar todos os seus outros empreendimentos”. O Quadro 8 exemplifica essa estratégia.



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

Quadro 8 - Diálogo entre Irineu e o Sr. Ricardo

1:26:48 – Irineu (IE) ordena que seu funcionário, o Sr. Ricardo (RI) publique anúncio nos jornais informando a negociação da libra por valor abaixo do praticado pelo mercado.	IE – Ricardo, nosso prejuízo no incêndio foi muito grande. Precisamos fazer algum caixa. A quanto estão vendendo a libra? RI – Disparou. 30 pences de libras por mil réis. Uma verdadeira loucura e vai subir ainda mais! IE – Mande anunciar nos jornais que nós vamos baixar a cotação da libra. RI – Mas eu não estou compreendendo. Enquanto todos estão vendendo as suas libras pelos olhos da cara o senhor propõe vender mais barato?! IE – Não, Ricardo! Pelo preço justo. RI – E o que vamos fazer depois, cheios de moeda brasileira que ninguém quer? IE – Talvez, falir.
--	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

Ao tomar conhecimento do volume dos prejuízos acarretados pelo incêndio sofrido no estaleiro de Ponta da Areia, Irineu realizou uma manobra cambial em seu banco para levantar o dinheiro de que precisa para reconstruir o empreendimento. Diante da notícia de que o Banco de Irineu negociaria libras a uma cotação abaixo do valor que estava sendo praticado no mercado, assiste-se o **efeito manada** na multidão que se aglomerou diante dos caixas para comprar a moeda.

O comportamento desse efeito consiste somente em seguir o grupo. Nesse caso, porém, além da tendência de agir em conformidade com o grupo, tem-se o “fator chamado prova social” (Mosca, 2009), segundo o qual se muitas pessoas estavam vendendo seus réis, é porque deveria haver uma boa razão para fazê-lo. O comportamento especulativo apresentado acarretou na valorização da moeda local que passou a ter oferta limitada, quase que exclusivamente, pelo banco de Irineu que a havia comprado no momento em que estava desvalorizada e passou a vendê-la por um preço maior motivado pela pouca oferta.

Em meio às dificuldades que atravessou, a mais longa deveu-se à construção da ferrovia São Paulo Railway em sociedade com os ingleses. Mesmo com a negativa dos Rotschild em manter suas obrigações para com o empreendimento, Irineu decidiu arcar com substanciais desembolsos para que a obra prosseguisse, conforme demonstrado no Quadro 9.

Quadro 9 - Diálogo entre Irineu e um Operário

1:33:06 – Irineu (IE) visita as obras da ferrovia São Paulo Railway e conversa com um operário (OP).	IE – Não avançamos nenhum quilômetro! A continuar nesse ritmo essa ferrovia vai demorar um século pra acabar! OP – Infelizmente, Barão, não podemos construir uma ferrovia apenas com boa vontade. IE – E muito menos com a péssima vontade, pra dizer o mínimo, dos Rotschild. Eles não vão continuar com as suas obrigações com esta ferrovia.[...] IE – Mas eu vou! Eu lancei este empreendimento na Inglaterra. Eu empenhei o meu nome! Investi 200 mil libras aqui. E vou investir ainda mais 130 mil para saldar as dívidas e tocar esta ferrovia até o fim. Por isso, a partir de amanhã, eu quero isto aqui funcionando a todo vapor. Fui claro?
--	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

Dado o fato de ter investido uma grande soma de capital, além do próprio nome, para a construção da ferrovia, Irineu decidiu dar continuidade ao empreendimento sozinho. A decisão de Irineu corresponde ao que a literatura chama de **efeito do custo afundado** (ou *sunk cost*, em inglês). Esse viés é o tipo de armadilha psicológica que demonstra a tendência de apegar-se mais às situações em que já foi empenhado dinheiro, mesmo que as ações em decorrência desse fato não sejam as mais favoráveis, como de fato ocorreu. Segundo Bertero e Iwai (2005), a imprudência de Irineu aliada ao custo da obra superior ao previsto inicialmente acabou potencializando sua falência.



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

Barbedo e Camilo-da-Silva (2008) admitem que esse comportamento deriva da dificuldade de assumir um erro passado e apregoam que uma forma de evitá-lo é não considerar os gastos ocorridos no passado para tomar uma decisão.

Outro grande erro cometido e assumido por Irineu no filme foi a abertura de um banco no Uruguai. O Quadro 10 descreve uma tentativa de Irineu de evitar a quebra do banco.

Quadro 10 - Diálogo entre Irineu e May

1:40:47 – Irineu (IE) expõe a May (MA) sua situação financeira e os seus esforços para não falir.	IE – <i>Estou à beira da falência, May. Jamais pensei que isso pudesse acontecer, mas... aconteceu.</i> MA – <i>É tão grave assim?</i> IE – <i>Estou à beira da falência! Estou sendo pressionado por todos os lados!</i> MA – <i>Você está sendo pessimista.</i> IE – <i>Estou sendo realista!</i> MA – <i>Você já enfrentou outras crises antes.</i> IE – <i>Nenhuma como esta. O quadro é terrível, May. O Uruguai está falido. E o governo continua emitindo papel-moeda sem parar. Agora eles vão obrigar o meu banco a converter esse papel em ouro. Resumindo: vão lançar o povo sobre mim como feras. Mande vir de Londres 300 mil libras que eu nem sei como vou pagar pra ver se eu resisto.</i>
---	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

Diante da crise política, social e econômica do Uruguai, Irineu percebeu que teria o banco liquidado pelo governo caso não conseguisse honrar com os compromissos juntos aos correntistas. A decisão de fazer um empréstimo para converter o papel-moeda emitido pelo governo em ouro representa o **efeito certeza**. O comportamento evidenciado nesse viés implica que no cenário de perdas, como é o caso de Irineu, assume-se uma forte disposição a correr riscos no intuito de evitá-las ou minimizá-las. Conforme apontado por Mosca (2009), as pessoas não são avessas ao risco, são avessas a perdas, pois o estresse associado a um fracasso é significativamente maior que o prazer associado a um ganho da mesma proporção.

Enquanto aguarda pelo carregamento de ouro em Montevideu, Irineu escreve para May colocando-lhe a par de sua situação. O Quadro 11 descreve o diálogo que se segue entre ela e o Sr. Ricardo.

Quadro 11 - Diálogo entre May e o Sr. Ricardo

1:46:07 – May (MA) expressa sua preocupação com a situação de Irineu para o Sr. Ricardo (RI).	MA – <i>Ando muito preocupada com o Irineu. Ouça só o que ele me escreveu: “A situação em Montevideu é muito delicada. Políticos insuflam o povo contra mim. Assassinar-me na rua seria um grande divertimento para essa gente”. Como foi que a situação chegou a esse ponto?</i> RI – <i>Crises políticas sucessivas foram minando o banco, Dona May, e essa última revolução foi a gota d’água.</i> MA – <i>E o dinheiro da venda da companhia de navegação do Amazonas e da companhia de luz?</i> RI – <i>Foi usado pra cobrir débitos mais urgentes.</i> MA – <i>Se Irineu não pagar os correntistas o banco será liquidado pelo governo uruguaio.</i> RI – <i>E isso é só o começo. A notícia do fechamento do banco lá vai cair feito uma bomba aqui no Brasil. Nossos correntistas vão entrar em pânico, vão correr para o banco atrás do seu dinheiro, só que esse dinheiro...</i>
---	--

Fonte: Mauá - O Imperador e o Rei (1999)

O diálogo entre May e o Sr. Ricardo revela dois vieses de comportamento. O primeiro deles está nas razões dada por ele para os problemas financeiros enfrentados por Irineu: fatores externos



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

são apontados como os causadores daquela situação. Esse comportamento encontra respaldo no viés da **autoatribuição**, que consiste em atribuir fracassos a fatores aleatórios como a economia e o mercado. O segundo refere-se ao **efeito contágio** que é a tendência de extrapolação de uma avaliação para outras situações que guardam apenas semelhanças limitadas. O Sr. Ricardo indica que a notícia do fechamento do banco no Uruguai, país que estava passando por uma revolução social, poderia ser extrapolada e afetar o banco de Irineu no Brasil.

O rol de excertos apontados nessa seção compõe um quadro ilustrativo de uma série de outras cenas que exemplificam os vieses descritos em estudos sobre Finanças Comportamentais. Os exemplos aqui reproduzidos referem-se a momentos muito distintos das várias fases da vida de Irineu retratadas pelo filme que permitem inferir que essas tendências comportamentais não estão restritas a fatores relacionados à idade ou condição social de quem nelas incorre.

Para Barbedo e Camilo-da-Silva (2008) o desvio de comportamento pode acontecer com qualquer pessoa e em qualquer momento, pois o comportamento humano é derivado do hábito e de suas interpretações restritivas e alerta que a não conscientização de que possa estar seguindo uma tendência, mesmo que na tentativa de tomar a decisão mais correta possível, é o que aproxima o indivíduo da irracionalidade.

5 CONCLUSÃO

No contexto de educação formal da atualidade uma das preocupações repousa sobre o processo de aprendizagem do aluno, especificamente na concepção de práticas pedagógicas de ensino. Uma das maneiras apontadas para aprimorar a aprendizagem é usar filmes como parte do currículo em cursos de graduação. Ante essa conjuntura, este caso de ensino teve como objetivo demonstrar de que forma a utilização de filmes na práxis pedagógica é útil no ensino, utilizando a película **Mauá – o Imperador e o Rei** como forma de evidenciar vieses retratados na literatura de finanças comportamentais.

Por meio de teorias que discutem a utilização de filmes como recurso didático, construiu-se uma proposta de seleção e uso do filme. Constatou-se que a abordagem contextual de aprendizagem representa fator importante no processo de escolha do filme uma vez que a identificação de temas que aproximem os espectadores dos conceitos ilustrados pelo filme pode ser determinante para o êxito dessa ferramenta de ensino. Verificou-se também que a opção entre os sistemas de aprendizagem racional ou experiencial deve considerar os objetivos a serem alcançados nos processos dedutivo e indutivo de ensino. Advoga-se que apesar da defesa por alguns autores de um dos métodos, ambos revelam-se úteis a depender da consideração de elementos importantes como o tempo disponível para abordar o assunto, o interesse específico do público e a experiência anterior sobre a temática.

Ademais, a análise do filme **Mauá – o Imperador e o Rei** apontou para a existência de um conjunto de conceitos sobre Finanças Comportamentais, o que confirma a sua utilidade como recurso para o debate da temática. Dessa forma, admite-se a viabilidade de seu uso em consonância com os pressupostos da corrente que defende a pluralidade de práticas pedagógicas como propulsoras de uma nova perspectiva de ensino voltada para o papel do aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento e para o reconhecimento do valor meramente instrumental dos conteúdos curriculares.

Em que pese a possibilidade de análise das diversas linguagens proporcionadas pelo uso de um filme, a saber, a verbal, a sonora e a visual, este estudo limitou-se a buscar a identificação de cenas relacionadas com o tema alusivo às Finanças Comportamentais. Outra limitação refere-se a impossibilidade de apontamento da totalidade de conceitos relativos a essa temática, seja pela



restrição de espaço do meio escolhido para sua divulgação ou pela não assimilação de sua ocorrência pelos autores.

Por fim, entende-se que a última limitação apontada é também uma sugestão de pesquisa para trabalhos futuros: este caso de ensino restringiu-se a propor a utilização do filme como recurso didático, sem, no entanto, fazer a aferição de preferência ou da efetividade de aprendizagem dos alunos por qualquer dos métodos sugeridos. Outra possibilidade de pesquisa encontra-se na indicação de outros filmes, com outras temáticas e com outras abordagens com vistas a ampliar os casos de ensino com aplicação direta pelos professores.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, M. A., Leite, N. R. P., Freitas, A. D. G., & Ruas, R. L. (2017). Capacidades dinâmicas e vantagem competitiva em ambientes de mudanças constantes, à luz da análise do filme 'Recém-chegada'. *REGE - Revista de Gestão*, 24, 35–44. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/131523>
- Amaral, I. G., & Leite, N. R. P. (2013). Decision making based on the data and facts analysis: a observational study in the light of the film 'Twelve Angry Man'. *10th International Conference on Information Systems and Technology Management – CONTECSI*, Anais Eletrônicos... São Paulo.
- Angotti, M., Lourenço, R. L., Sá, C. M., & Ferreira, A. C. S. (2016). Garimpo de ouro, seus impactos socioambientais e políticas públicas: caso de ensino baseado no filme "Serra Pelada". In: Congresso Anpcont, X, 2016, *Anais eletrônicos...* Ribeirão Preto. Disponível em: <<http://congressos.anpcont.org.br/x/anais/tema/epc>>
- Antunes, C. (2012). *Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- Barbedo, C. H. S., & Camilo-da-Silva, E. (2008). *Finanças Comportamentais: pessoas inteligentes também perdem dinheiro na bolsa de valores*. São Paulo: Atlas.
- Bay, D., & Felton, S. (2012). Using popular film as a teaching resource in accounting classes. *American Journal of Business Education (AJBE)*, 5(2), 159-72. doi: <http://dx.doi.org/10.19030/ajbe.v5i2.6818>
- Bertero, C. O., & Iwai, T. (2005). Uma visita ao Barão. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(número especial), 1-17. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rac/v9nspe2/v9nesp2a02.pdf>
- Bluestone, C. (2000). Feature films as a teaching tool. *College Teaching*, 48(4), 141-146. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/27559014>
- Dishman, L. (2017). These are the countries with the most determined entrepreneurs. *Fast Company*. Recuperado de <https://www.fastcompany.com/3066997/the-future-of-work/these-are-the-countries-with-the-most-determined-entrepreneurs>
- Ferreira, V. R. M. (2008). *Psicologia Econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.



XI Congresso UFPE de Ciências Contábeis

- Gadotti, M. (2011). *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. 2. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2017) *Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação*. Recuperado de <http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>
- Lee, V. & Lo, A. (2014) From theory to practice: teaching management using films through deductive and inductive processes. *The International Journal of Management Education*, 12(1), 44-54, Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijme.2013.05.001>.
- Mathews, C. S., Fornaciari, C.J., & Rubens, A. J. (2012). Understanding the use of feature films to maximize student learning. *American Journal Of Business Education*. 5(5). Recuperado de <https://www.cluteinstitute.com/ojs/index.php/AJBE/article/view/7213>
- Matos, F., Queiroz, W., Lopes, K., Frota, G., & Saraiva, V. (2012). Estudo observacional do comportamento empreendedor de Irineu Evangelista de Sousa da ótica de Filion no filme “Mauá – o Imperador e o Rei”. *Cadernos EBAPE.BR*, 10(1), 202-220. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5253>
- Mauá – O Imperador e o Rei. (1999). Direção: Sérgio Rezende. Produção: Europa Filmes. Intérpretes: Paulo Betti; Malu Mader; Othon Bastos; Antonio Pitanga; Michael Byrne; Rodrigo Penna e outros. Produção executiva: Joaquim Vaz de Carvalho, Ricardo Pinto e Silva; Roberto Mader. Videolar, DVD (138 min), son., color., dolby digital 2.0.
- Mendonça, J. R. C., & Guimarães, F. P. (2008). Do quadro aos "quadros": o uso de filmes como recurso didático no ensino em administração. *Cadernos EBAPE.BR*. Número especial, ago. 2008. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v6nspe/v6nspea03.pdf>
- Mosca, A. (2009). *Finanças Comportamentais: gerencie sua emoções e alcance sucesso nos investimentos*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). (2015). *Brasil - Country Note - Education at a Glance 2015: OECD Indicators*. Recuperado de <https://www.oecd.org/brazil/Education-at-a-glance-2015-Brazil-in-Portuguese.pdf>
- Pimentel, L. S. L. (2011). *Educação e Cinema: dialogando para a formação de poetas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Quintanilha, M. M. S., & Murasse, C. M. (2003). A escola da vida e a formação intelectual do visconde de mauá. *Revista On Line HISTEDBR*. Edição Especial. Recuperado de http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario6/Ensino%20Profissional/Escola%20da%20vida.doc
- Roden, K. (2007). *At the movies: an interpretive study of the use of films with university students*. (Dissertation, University of Oklahoma, Norman, Oklahoma). Retrieved from: <https://shareok.org/handle/11244/1213>
- Simon, H. (1978). Rational decision-making in business organizations. *Economic Science*. 343-371. Recuperado de <http://nobelprize.org/economics/laureates/1978/simon-lecture.pdf>
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under Uncertainty: heuristics and biases. *Science*. 185(4157), 1124-1131. Recuperado de http://psiexp.ss.uci.edu/research/teaching/Tversky_Kahneman_1974.pdf